

A APHRODISIA E O ERÓTICO NA GRÉCIA ANTIGA

Antonio Augusto Nogueira Matias¹

Wllysses Lemos Terra²

Naiara Cristiane Silva³

Maria Helena Rocha⁴

RESUMO:

Este artigo trata da relação sexual entre homens na Grécia Antiga durante os séculos V e III antes da era cristã. Tem como proposta discutir a aceitação da população e das instituições gregas com relação à prática homossexual e realizar uma reflexão sobre a postura dos filósofos Platão e Aristóteles frente à homossexualidade. Destaca-se no texto a ideia de que a relação sexual entre um homem e um rapaz era aceita pelos os gregos. Estes não viam na relação homossexual um problema de ordem moral. Entretanto, o uso dos prazeres entre homens não deixava de trazer inquietações para a sociedade grega. Se a sociedade grega aceitava, com algumas restrições a relação homoafetiva, o mesmo não se pode dizer dos filósofos (Platão e Aristóteles) que consideravam esse tipo de relação antinatural. Platão, por exemplo, considerava a relação entre um macho com outro macho e de uma fêmea com outra fêmea, uma relação incontinente. A relação natural para ele é aquela que se dá entre homem e mulher para fins da geração. Aristóteles também não estava de acordo com a relação entre dois homens. O estagirita não via razão na relação homoafetiva, a não ser em duas circunstâncias: a superpopulação e o hábito adquirido na adolescência. Embora esses dois grandes pensadores tivessem reservas quanto às práticas homossexuais, não tiveram uma atitude preconceituosa e não se opuseram a essas práticas. A base do nosso estudo tem como pressuposto o livro “O uso dos prazeres” de Michel de Foucault. Nele, o filósofo e historiador trata do tema da aphrodisia e do erótico tendo como referência a Grécia dos tempos antigos.

PALAVRAS CHAVES:

Aphrodisia, homoafetividade, virtude

¹ Mestre em Ciências Sociais e Doutor em Teologia

² Especialista em Fisioterapia Desportiva

³ Doutoranda e Psicologia Social

⁴ Professora do Departamento de Psicologia da UNIVERSO - BH

ABSTRACT

This article deals with the sexual relationship between men in Ancient Greece during the fifth and third centuries before the Christian era. Its purpose is to discuss the acceptance of the Greek population and institutions in relation to homosexual practice and to reflect on the position of the philosophers Plato and Aristotle on homosexuality. The text emphasizes the idea that the sexual relationship between a man and a boy was accepted by the Greeks. These did not see in the homosexual relation a problem of moral order. However, the use of pleasure among men did not fail to arouse concern for Greek society. If Greek society accepted, with some restrictions the homoaffective relation, the same can not be said of the philosophers who considered this kind of unnatural relation. Plato, for example, considered the relationship between one male and another male and one female with another female, an incontinent relation. The natural relation for him is that which occurs between man and woman for the purpose of generation. Nor was Aristotle in agreement with the relationship between two men. The stagirite saw no reason in the homoaffective relationship, except in two circumstances: overpopulation and the acquired habit in adolescence. Although these two great thinkers had reservations about homosexual practices, they did not have a prejudiced attitude and did not oppose these practices. The basis of our study is based on the book "The Use of Pleasures" by Michel de Foucault. In it, the philosopher and historian deals with the theme of aphrodisia and erotic with reference to Greece of ancient times.

Introdução

O presente texto tem como objetivo tratar do tema da sexualidade na Grécia Antiga, especificamente nos séculos V ao III a.C. Dois textos serviram de norteadores para esse trabalho: *Amor e Sexo*⁵ e *História da sexualidade*⁶. Há em torno da sexualidade grega muito sensacionalismo e afirmações equivocadas. É comum ouvir comentários desprovidos de qualquer rigor histórico, afirmando que na Grécia Antiga a homossexualidade, tanto masculina quanto feminina, era permitida sem norma ou regra, dando a entender que a promiscuidade era permitida entre os povos helênicos. Os teóricos FOUCAULT (2009) e ULLMANN (2005) ao tratarem desse tema, nos trazem informações e reflexões de como a questão da sexualidade, bem como da relação entre homens eram tratadas de forma responsável e criteriosa pelos gregos. Segundo Foucault, as instituições

⁵ Texto de autoria ULMANN, Reinholdo Aloysio.

⁶ Texto de autoria de FOUCAULT, Michel.

gregos como a religião e a área da saúde, assim como a população, em geral, não se preocupavam em determinar se a relação entre um homem e um rapaz era permitida ou proibida, normal ou anormal. Os gregos (séculos V- III a.C) aceitavam, com mais facilidade, certos comportamentos sexuais - como a relação entre homem e rapaz - do que os cristãos da Idade Média ou os europeus do período moderno. Os questionamentos morais sobre a homossexualidade eram preocupação dos pensadores, moralistas, filósofos e médicos

Esse trabalho está dividido em três partes. Na primeira trataremos dos conceitos de *aphrodisia* e da *erótica* relacionados à relação entre homens adultos e rapazes, na segunda trataremos de questionamentos que os filósofos gregos - principalmente os textos de Platão e Aristóteles - colocaram a propósito da sexualidade e da relação homoafetiva. E, por último, faremos as considerações finais, mostrando a contribuição filosófica para o debate da homoafetividade.

1- A *aphrodisia* ou relações sexuais na Grécia entre os séculos V- III a.C.

1.1- O significado da palavra *aphrodisia*

Os gregos têm uma série de palavras para designar diferentes atos “sexuais”, como “relação”, “conjunção” ou “relações sexuais”: - *sunousia*, *homilia*, *plesiamso*, *mixis*, *ocheia* -. Todos esses termos podem ser resumidos na palavra “*ta aphrodisia*” que é de difícil tradução para o Latim e conseqüentemente para a Língua Portuguesa, uma vez que não há um termo análogo no Latim. Entretanto, os latinos a traduziram a palavra *aphrodisia* por *venérea*: que significa “coisas ou prazer do amor”, “relações sexuais”, “atos da carne”, “volúpias”.

Segundo Foucault, os gregos entendiam a *Aphrodisia* como uma relação dinâmica entre desejo, ato, e prazer. (FOUCAULT, 2009, p.53). Nos gestos, atos, contatos da *Aphrodisia* que proporcionam certa forma de prazer sexual, há funções distintas dos parceiros. A função ativa definida pela penetração é própria do masculino. E a função passiva em que o outro é objeto de prazer esta relacionada ao aspecto feminino. No entanto, os rapazes e os escravos se enquadram na função passiva. Nesse sentido, distinguem-se dois pólos, dois papéis e valores de posição: a do sujeito e do objeto, a do agente e a do paciente. Com relação ao caráter da *Aphrodisia*, há uma dimensão inferior que diz respeito ao prazer sexual comum aos homens e aos animais e está relacionado às necessidades do corpo. Neste aspecto é comum a relação homossexual. E há um caráter superior, de vivacidade, que está relacionado à atração heterossexual destinado à procriação das espécies. Para Ullmann, os termos homossexual e heterossexual são criações modernas e não eram utilizados pelos gregos. Segundo o autor, “o contraste entre os parceiros era atitude passiva (*erômenos*= o amado) e ativa (*erastés* = o amante). Com isso abrangiam os denominados homossexuais e heterossexuais ou, numa palavra os bissexuais.” (ULLMANN, 2005, 15). E Ullmann, ainda tratando desse tema, afirma que a possibilidade da relação homossexual só era permitida entre homens (ao menos teoricamente) (Ibid., p.16).

1.2 – Relação erótica entre Homens adultos e rapazes

Embora os gregos não vissem na relação sexual entre homens um problema de ordem moral, não se pode afirmar, sem menos, que o uso dos prazeres entre homens adultos e rapazes não trouxesse inquietações para a sociedade grega. Por isso, havia algumas normas de regras para a *aphrodisia*⁷. A partir de Foucault, iremos enumerar três regras que deveriam ser observadas.

A primeira trata da permissão da bissexualidade que poderia ser alternada ou simultânea. Um homem casado poderia ter um *paidika* – rapaz. Nessa prática não se reconhece duas espécies de desejo ou duas pulsões antagônicas. Nesse caso não há ambivalência, mas são duas maneiras de obter prazer.

Uma segunda regra diz respeito ao amor entre os rapazes como uma prática livre permitida pelas leis e admitida pela opinião. Tal prática encontrava suporte nas instituições pedagógicas e militares. Mas, havia um desprezo pelos jovens que fossem demasiados fáceis e afeminados. Ullmann comentando a esse respeito diz: ao que consta, o vigor, a resistência e o ardor do rapaz faziam parte da beleza e “os homossexuais, via de regra, não apresentavam entre os gregos, características de maricas, de efeminados.” (ULLMANN, 2005, p.21). Foucault, fala de um general espartano Pausânias que ao tratar sobre a relação homossexual, mostra o quanto é difícil saber se em Atenas a população é favorável ou hostil a uma tal forma de amor. Por um lado, é aceita e atribui-se um valor a essa relação. Por outro, os pais protegem seus filhos dessas relações. (FOUCAULT, 2009, p.241).

A terceira implicação diz respeito aos papéis do *erasta* (do ativo) e do *enômeno* (do passivo). Ao *erasta* cabe tomar a iniciativa, dar presente e conquistar o amado. O *enômeno* é o amado, o cortejado e, deve evitar ceder ao amor com facilidade. As relações devem acontecer no espaço comum ou público (rua, ginásio) e não há poder do adulto (*erasta*) sobre o rapaz (*enômeno*) que pode se recusar a ter a relação. É necessário obedecer à diferença de idades. Não pode haver uma inversão de papéis, isso quer dizer, que o adulto não pode ter um papel passivo e o rapaz um papel ativo.

Há uma idade que o rapaz não mais aceitará o papel de passivo, um dos sinais do fim da função de *enômeno* na relação homossexual ocorre quando no rapaz aparece a primeira barba. Duas atitudes que eram reprovadas nessa relação, quando os homens procuravam rapazes mais velhos e quando a relação entre os homens eram duradouras. Havia um tempo para iniciar e terminar a relação entre homens e rapazes.

2- Olhar moral e filosófico sobre a *aphrodisi*

⁷ Segundo Foucault, os gregos não deram testemunho no seu pensamento histórico nem na sua reflexão prática de um cuidado insistente em delimitar o que eles entendiam, exatamente por *aphrodisia*. Mas havia conselhos com relação à *aphrodisia*, tais como: a melhor idade para se casar e ter filhos; em que estação do ano as relações sexuais deveriam ser praticadas. Sócrates recomendava fugir a vista de um belo rapaz. Com relação à intimidade do casal, não havia nenhum conselho. (FOUCAULT, 2009, p.53)

Foucault faz uma leitura da moral na Grécia antiga a respeito da sexualidade (Séculos V- III) baseando-se, principalmente, na produção literária de Platão e Aristóteles.

2.1 – Reflexão sobre a moral grega a partir de Platão

Segundo a *aphrodisia*, o desejo de ter relações sexuais é despertado pela carência, pela privação do sexo. A falta da coisa desejada traz um certo sofrimento que precisa ser saciado. Por isso, para Platão, o sexo não está relacionado ao corpo, mas a alma. É a alma que deseja e o corpo é apenas um instrumento de saciar o desejo da alma. Tudo que vem da alma é bom. O prazer vem da alma que é imortal e existe⁸ antes de se encarnar a um corpo, mas o corpo⁹, que é o cárcere da alma a desvirtua. Toda alma está destinada a sentir prazer, mas esse prazer que é bom pode ser desproporcional, se ele não for controlado pela razão. A questão que Platão coloca não é: *quais são os desejos? Quais os prazeres?* Mas com que força as pessoas são levadas por esses desejos. O desejo da sexualidade surge após o ato sexual, é a relação sexual que desperta o prazer na alma. Após a experiência sexual, a alma guarda em si essa experiência e quando a alma sente vontade novamente é que Platão chama desejo. É desse desejo que surge a *aphrodisia*. E esse desejo para ser saciado tem que ser através do ato sexual. É essa relação entre *desejo, ato e prazer* que se pode chamar o grão da experiência ética da *aphrodisia*. Platão analisa essa relação dinâmica, segundo duas variáveis: a *quantitativa* e a *qualitativa*. (Ibid., p.57-59).

A dimensão *quantitativa* diz respeito à intensidade da prática traduzida no número de vezes e a frequência dos atos sexuais. A divisão está entre o menos (carência) e o mais (excesso). Por isso é necessário ser moderado nas relações sexuais. Os homens têm que dar provas de seu comedimento moral em suas práticas com as mulheres e os rapazes. Platão cita como exemplo de comedimento o cidadão Agésilas, que levava a temperança ao ponto de recusar um beijo do jovem que amava. E como protótipo da intemperança, Platão dá o exemplo de Alcebiades, jovem soldado grego que se entregava aos prazeres que se podem ter com ambos os sexos. Platão considera a relação entre um macho com outro macho e de uma fêmea com outra fêmea, uma relação antinatural e incontinente. A relação natural e continente, segundo ele, é aquela que se dá entre homem e mulher para fins da geração. Para Platão deve-se impor um limite e fortes freios à atividade sexual, quais sejam o discurso verdadeiro, o temor e a lei. Esses limites não servem apenas para os desvios da sexualidade. Para os gregos, o cidadão deve ser educado para viver em sociedade, respeitar as normas e os costumes morais que lhes foram transmitidos. Caso os indivíduos não sigam as normas e tradições, daí entra em cena o temor e o uso da violência da lei. Embora Platão tenha uma reflexão moral acerca da sexualidade entre homens e a considere antinatural, ele aceita a relação homossexual, mas

⁸ No livro do Fédon, Platão trata especificamente do tema da alma e afirma que a nossa alma já existia antes de habitar nosso corpo e que ela é imortal. (PLATÃO, 2000, p.135).

⁹ A alma enquanto procura a verdade com o corpo não a encontra por que é enganada por ele, que a induz ao erro. (PLATÃO, 2000, p.126)

atendendo à tradição entre um adulto e um jovem, como podemos constatar a partir da citação de Ullmann:

Podemos ainda perguntar: como o mestre de Aristóteles – Platão – via a homossexualidade? A beleza física é-lhe estímulo para o amor. Como filósofo, porém, propõe a liberdade do homem das paixões sensuais, a fim de, pela razão, elevar-se ao mundo supra-sensível. (...) Reputando a Filosofia uma atividade dialética, Platão julga que ela não pode ser comunicada *ex cathedra* pelo mestre a seus discípulos, mas deve iniciar com um homem (macho) mais velho para estimular um macho mais jovem o qual combina beleza física com beleza da alma. Observa-se que isso não significa que Platão fala *in propria persona*. (ULLMANN, 2005, p.22)

2.2- Reflexão sobre a moral grega a partir de Aristóteles

Aristóteles não era favorável à relação homossexual, a não ser em duas circunstâncias: superpopulação e hábito adquirido na adolescência. Com relação ao homossexualismo, ele se perguntava sobre a razão de um homem sentir prazer em ser penetrado e reduzido a um objeto de prazer, porque segundo ele, “a fêmea enquanto fêmea é de fato um elemento passivo e o macho é um elemento ativo” (FOUCAUL, 2009, p.59). Assim como Platão, Aristóteles considerava a relação de um macho como outro macho antinatural. Segundo Ullmann, Aristóteles teve uma postura severa calcada nas virtudes. O Estagirita, na sua vida doméstica, teve uma esposa com quem viveu toda a vida e teve um filho com ela. Mas, uma vez que era permitido na cultura grega, Aristóteles tinha concubinas. Na Grécia antiga ao homem era permitido ter outras mulheres, mas, a condição feminina era bem diferente. A mulher adúltera era excluída dos festejos públicos e dos rituais. (ULLMANN, 2005, p.22).

Aristóteles compreende a psicologia (a alma) humana a partir de uma concepção tripartite (ARISTÓTELES, 1987, p.21). O homem tem uma alma vegetal que está relacionada à sua dimensão biológica e reprodutiva. Possui uma alma sensitiva ou instintiva que o assemelha ao animal e uma racional que o diferencia dos animais. O desejo e o sexo estão relacionados à dimensão instintiva, mas para que o homem possa se realizar plenamente ele tem que submeter a dimensão instintiva, onde estão as paixões, a razão. É essa capacidade de agir racionalmente que Aristóteles designa como virtude. E entre as virtudes, O Estagirita destaca a temperança. Diz Aristóteles:

A virtude também se divide em espécies de acordo com esta diferença, porquanto dizemos que algumas virtudes são intelectuais e outras morais; entre as primeiras temos a sabedoria filosófica; e entre as segundas temos, por exemplo, a liberdade temperança. Com efeito, ao falar de um caráter de um homem não dizemos que ele é sábio ou possui entendimento, mas que ele é calmo ou temperante. No entanto, louvamos o sábio, referindo-nos ao hábito; e os hábitos dignos de louvor chamamos virtude. (Ibid., p..24)

A virtude, ainda segundo Aristóteles “deve ter o atributo de visar o meio-termo. Refiro-me à virtude moral, pois é ela que diz respeito às paixões e ações, nas quais existe excesso, carência e um meio-termo” (Ibid., p.32). Com relação aos desejos dos sentidos. Aristóteles não considera que haja intemperança no prazer da visão que aprecia um teatro, do ouvido que se deleita com uma boa música ou do olfato que sente o cheiro do perfume. A intemperança existe na boca e na língua que despertam os prazeres da alimentação e no tato que desperta os desejos sexuais (Ibid., p.53). O homem tem que se precaver para não se exceder nos prazeres do paladar e do toque. A virtude do homem temperante - com relação ao prazer do toque, prazer sexual - está no meio termo entre ter prazer onde não se devia ter (vício por carência) e ter satisfação sexual demasiada onde se deveria evitá-la (vício por excesso). O homem enquanto animal racional deve controlar os seus instintos (característica animal) pela sua razão (própria dos homens). O homem virtuoso é um homem feliz, pois se deixou guiar pela temperança e a calma.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade grega dos séculos V-III a.C pode lançar luzes para a uma reflexão da sexualidade nos dias atuais. Essa afirmação não exclui o limite da sociedade helênica no que diz respeito à discriminação que tinham com relação à mulher. A *aphrodisia* era uma moral de homens feita por homens e passa pela demarcação da forte diferença entre homens e mulheres nas sociedades antigas. (FOUCAULT, 2009, p.60). No entanto, os gregos, podem nos ensinar com relação à tolerância quando o assunto é a sexualidade entre homens. Havia na cultura helênica uma aceitação do relacionamento homoafetivo, embora, como já dissemos, houvesse algumas regras que deveriam ser observadas, com relação à idade da prática homoafetiva, à função do *erômeno* (o amado) e do *erasta* (o amante). É essa liberdade que a sociedade grega teve com relação à *aphrodisia* que nos indica que é possível uma sociedade não ser homofóbica e conviver pacificamente com a homoafetividade. Na sociedade atual, principalmente no Brasil há uma exacerbada homofobia que fazem com que segmentos da sociedade não aceitem, em hipótese alguma, o homoafetivo. Esse preconceito tem consequências psicológicas no que diz respeito à exclusão do indivíduo das rodas sociais e consequências físicas, quando os homoafetivos são espancados e mortos por grupos homofóbicos.

Mesmo não sendo preconceituosos com a relação entre homens, os gregos não deixaram de ter uma reflexão moral e filosófica sobre a sexualidade. De forma respeitosa Platão e Aristóteles se posicionaram sobre a sexualidade entre homens e acerca da sexualidade em geral. Tiveram reservas quanto às práticas homossexuais, entretanto, aceitaram, em algumas circunstâncias, e não se opuseram a essas práticas.

A contribuição desses dois pensadores (Platão e Aristóteles), para as sociedades de todos os tempos, é a reflexão calcada na *virtude*. O homem virtuoso é aquele que se deixa guiar pela razão, ele não se recusa em ter prazer,

visto que é um bem da alma, mas também não se excede nas práticas sexuais que podem se tornar promíscuas. O homem temperante é um homem que possui a felicidade, pois alcançou o equilíbrio, o meio-termo no que diz respeito à *aphrodisia*.

Tomando a sociedade grega e a reflexão dos moralistas sobre a sexualidade, podemos entender que nas relações sexuais não importa quem sejam os parceiros, mas se nas relações entre as pessoas há temperança, ou seja, se há satisfação onde precisa ter satisfação e se existe moderação onde o prazer desmedido necessita ser evitado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Coleção os Pensadores Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PLATÃO. *Fédon*. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Amor e sexo na Grécia Antiga*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.